

## **COLECIONISMO ORIENTALISTA COMO RESULTADO DE UM PROCESSO DE INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE CHINA, MACAU E PORTUGAL**

### **COLLECTING ORIENTALIST ART AS A RESULT OF A CULTURAL INTERACTION BETWEEN CHINA, MACAU AND PORTUGAL**

*Caroline Pires Ting 丁小雨*

*Real Gabinete Português de Leitura, Instituto Internacional de Macau, Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro – carolting18@hotmail.com*

**Resumo:** Apontamos a obra de um colecionador, José Vicente Jorge (Macau 1872 – 1948 Lisboa), como ponto de partida para uma investigação acerca do colecionismo orientalista e do fascínio sinófilo em Macau. Do ponto de vista metodológico, estaremos lidando com três tópicos fundamentais de análise: a teoria formal e pré-estabelecida pelo conhecimento científico do colecionador; a historiografia: saber construído por Jorge enquanto historiador da arte chinesa e seu discurso interpretativo; a documentação: fragmentos de representações de natureza diversa, suas obras como veículos de informação. Nossa tarefa reside em circular conjuntamente por estes três níveis de representação do real e estabelecer as relações entre eles. Interessar-nos-á observar a dimensão sócio-artística das interações culturais (Macau, China e Portugal), por meio da análise do colecionismo como fenômeno de apropriação cultural. Empregaremos dois tipos de corpura documentais para realizar este trabalho de análise histórico-imagético: um corpus textual e um corpus de cultura material. O corpus textual é composto por fontes escritas, vinculadas ao discurso histórico, que possuam significância direta para investigação do tema “Colecionismo orientalista”. Já o corpus de cultura material é composto pela documentação da cultura material (pinturas, porcelanas, esculturas). Articularemos ambos através de uma análise intertextual para validar as hipóteses levantadas nas etapas iniciais de nossa pesquisa. Desejamos recuperar informações sobre o período ao qual Jorge fora coetâneo em vários aspectos. Colecionador muito conhecido no seio da comunidade macaense nos anos 30 e 40, Jorge possuía uma casa renomada por duas instâncias: esta era, ao mesmo tempo, a melhor de Macau e acessível ao público. Considerada um verdadeiro museu, devido à quantidade e qualidade dos objetos reunidos, ali abrigava-se a importante coleção de pinturas, porcelanas e esculturas que será o foco de nossa pesquisa. Um exemplar do livro intitulado *Notas sobre a Arte Chinesa*, publicado pelo colecionador macaense em 1940 e reeditado em 1995 através do Instituto Cultural de Macau, encontra-se no acervo do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, o qual pretendemos explorar. O Real Gabinete, dada a imensidão (em quantidade e em qualidade) de sua biblioteca, vem a ser alvo de nosso interesse, para além do incentivo fornecido por esta instituição às pesquisas nas áreas sobre as quais optamos por nos debruçar. A coleção que *Notas sobre a Arte Chinesa* abarca é por nós considerada um registro visual de um longo período da história nacional e um importante capítulo da história cultural sino-portuguesa merecedora de maior atenção.

**Palavras-chave:** Coleccionismo orientalista. Sinologia. Macau. Portugal. Arte chinesa.

**Abstract:** The work of an art collector, José Vicente Jorge (Macau 1872 - 1948 Lisbon), is our starting point to understand the passion for collecting Chinese art in Macao. From the methodological point of view, we will be dealing with three fundamental analytical topics: the formal theory, pre-established by the scientific knowledge of the collector; the historiography: knowledge founded on Jorge as a Chinese art historian and his interpretative discourse; the documentation: fragments of representations from diverse nature, their works as vehicles of information. Our task is to study together how these three levels of representation are related. It will be interesting to observe the socio-artistic dimension of cultural interactions (Macao, China and Portugal), throughout the analysis of collecting art as a phenomenon of cultural appropriation. We will use two types of documents to carry out this work of historical analysis: a textual work and a material culture work. The textual part is composed of written sources, linked to the historical discourse, with direct significance for research on the theme "Collecting Orientalist art". The corpus of material culture is composed by the documentation of the material culture (paintings, porcelains, sculptures). We will articulate them through an intertextual analysis to validate the hypotheses raised in the initial stages of our research. We wish to recover information, regarding several respects, on the period Jorge lived. As a well-known collector in the Macanese community of the 1930s and 1940s, Jorge owned a house renowned for two reasons: it used to be, not only the best of Macao, but also accessible to the public. Considered as a museum, due to the amount and the high-quality of the objects gathered there, it was home to the important collection of paintings, porcelains and sculptures that will be our research focus. A sample of the book entitled *Notas sobre o Arte Chinesa (Notes on Chinese Art)*, published by the Macanese collector in 1940 and reissued in 1995 by the Cultural Institute of Macau, exists in the library at the Royal Portuguese Reading Cabinet in Rio de Janeiro, which we intend to explore. The Real Office, given the greatness (in quantity and quality) of its library, is our interest, in addition to the incentive provided by this institution to conduct research in our expertise fields. The collection that *Notes on Chinese Art* covers is a visual record of a long period of national history and an important chapter in Sino-Portuguese cultural history worthy of greater attention.

**Keywords:** Orientalist Collection. Sinology. Macau. Portugal. Chinese art.

## 1 INTRODUÇÃO

Como parte integrante do mundo colonial português, Macau integrava um complexo sistema que articulava territórios na Índia, na Indonésia, em vários pontos da África, além da América. As trocas culturais e as influências artísticas mútuas entre as colônias lusas ainda estão por merecer estudos mais aprofundados, já que a Coroa Portuguesa não se empenhou em divulgar notícias, fossem estas em forma de textos ou de imagens, dos povos e das terras sob sua soberania. Segundo Valeria Piccoli, "as informações eram tratadas como segredo de

Estado e tinham alcance restrito, circulando preferencialmente como manuscritos, na forma de relatos ou peças cartográficas” (BARCINSKI, 2015, p. 63). Essa política é refletida numa escassez de estudos sobre as artes coloniais ultramarinas de Portugal, de modo geral.

É de certo surpreendente o fato de somente no século XX o orientalismo artístico no mundo lusófono começar a ter sido investigado sistematicamente. Afinal, pouco se documentara acerca da presença das representações do designado Oriente na literatura do país europeu de mais antiga tradição de contato com a Ásia. Ao contrário de outras potências europeias – Inglaterra, França, Alemanha ou Holanda, que constituíram um conhecimento organizado sobre as colônias ultramarinas –, a principal contribuição da tradição lusa passou pela criação de algumas imagens do Oriente. Essa tradição se intensificou nos séculos XVI e XVII, na literatura de viagens, como *Lendas da Índia*, por Gaspar Correia (1495–1561), ou *A Peregrinação*, por Fernão Mendes Pinto (1509–1583), obras que combinam relato histórico a momentos romanceados.

No século XIX, confirma-se a obscuridade política e econômica do Oriente colonial português, iniciado a partir da segunda metade do século XVII. Mesmo assim, a Ásia ainda continuava tendo presença discreta na literatura portuguesa (BRAGA, 2016, p.18). É no fim do século XIX que nasce o moderno orientalismo sinófilo português, pois este é o momento da conjunção entre a crise identitária artística de Portugal e o influxo da estética orientalizante francesa e, em menor grau, inglesa da virada do século. É precisamente esse interesse que vemos em Camilo Pessanha (Coimbra 1867 –1926 Macau) com a poesia, em José Vicente Jorge (Macau 1872 – 1948 Lisboa) com o colecionismo e em Fausto Sampaio (Anadia 1893 — 1956 Anadia) com a pintura.

Nas três personalidades citadas, constatamos a necessidade de reflexão acerca do legado oriental em Portugal, mediada pelas representações que a França e a Inglaterra agenciavam em relação às próprias *Ásias*. Estes países, como afirma José Vicente Jorge, foram pioneiros em trazer maior visibilidade à história da arte do País do Meio, seus estilos e tradições.

Em nossa pesquisa, objetivamos estudar aspectos do colecionismo orientalista e do fascínio sinófilo de Macau. Jorge foi uma personalidade representativa da sociedade macaense, que revelou uma atitude pioneira para sua época ao explorar fontes chinesas nos campos das artes, da literatura e da história das relações diplomáticas entre Portugal, Macau e

China. Sendo assim, conhecer mais acerca de sua obra seria de grande importância em estudos interdisciplinares. Colecionador de arte, intérprete-tradutor, influente professor, mediador na decisão e governação dos destinos de Macau e na Legação de Portugal em Pequim, o legado de Jorge vem a ser nosso ponto de partida para uma investigação mais ampla acerca do colecionismo orientalista português, pois ele foi, enquanto sinólogo, autor de uma obra pioneira sobre arte chinesa, redigida em língua portuguesa.

Em nossa primeira abordagem, buscamos entender por que o colecionismo das províncias ultramarinas se iniciou tardiamente em Portugal em relação às demais metrópoles europeias, em que panorama ocorreu e quais foram os primeiros artistas de estilo “Orientalista” português. O que impulsionou sua chegada nas colônias e que novidades o reconhecimento de suas obras em Portugal trouxe aos portugueses?

Acreditamos que tal esforço tem validade na medida em que fornece ao leitor debates das formulações narrativas em torno de dimensões que conformam o pensamento dos anos que seguem a proclamação da república por Sun YatSen 孫中山/孫逸仙 (Cuiheng 1866 – 1925 Beijing). Favorecendo outras perspectivas para uma história da arte global a partir do microuniverso e do local, elos e intercâmbios artísticos entre Portugal e China podem ser acessados por intermédio de estudos da compilação de objetos de arte por macaenses.

Considerando a formação de um imaginário visual em torno de Macau, sobretudo a partir das décadas de trinta e quarenta do século XX – abrangendo o tesouro orientalista e as representações pictóricas - analisaremos comentários do colecionador macaense José Vicente Jorge e obras do pintor português Fausto Sampaio, relacionando-os ao movimento de expansão territorial luso.

De fato, os testemunhos visuais dos pintores viajantes de outras nações do Velho Mundo influenciaram fortemente o estilo pictórico denominado “Orientalista”, atrelado ao estilo romântico. Expandindo o escopo da geografia, através de representações paisagísticas produzidas nos novos destinos, o interesse de Sampaio por um local exótico e inacessível ao público aumentou, levando inclusive ao revigoramento da própria produção artística portuguesa, introduzindo novas formas e cores nas telas. Nesse âmbito, a imagem surge como um dos meios preferenciais de divulgação de ideias e conceitos que informam as práticas coloniais.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir do século XVI, Macau tornou-se um ponto central na comunicação e na divulgação entre as civilizações europeia e chinesa, uma fronteira econômica e intercultural, de recursos tecnológicos e artísticos. A presença dos portugueses naquela região, iniciada em 1553, perdurou ao longo de mais de 400 anos, permitindo uma simbiose entre as culturas portuguesa e chinesa. A diversidade artística da China no tocante às artes decorativas, em associação a uma enorme capacidade de produção em massa, permitiu a Macau tornar-se um mercado artístico de exportação de porcelanas, sedas, mobiliário e marfins, respondendo às encomendas dos soberanos da Ásia e da Europa. (MOUTINHO, 2012, p.1).

Embora os portugueses tenham sido os primeiros visitantes regulares da China na era moderna, iniciando os primórdios da sinologia, sua produção neste campo de saber foi inconstante. É importante ter em mente que sua entrada coincide, em termos cronológicos, com a última fase da dinastia Ming <sup>明朝/大明國</sup>, a qual se estendeu de 1368 a 1644. Nessa mesma época, na Europa, acontecia o movimento artístico Barroco, em resposta à Reforma Protestante. Em reação ao movimento reformista cristão, a ordem jesuíta – fundada em 1534 – tinha por missão o serviço em missões estrangeiras e a conversão das populações nativas, expandindo a influência da Igreja Romana no Exterior. Os jesuítas eram renomados por uma grande erudição, que ultrapassava os temas religiosos, realizando extenso trabalho educativo na China (POCESKY, 2013, p. 278).

Assim, no período dos séculos XVI-XVIII, destacam-se textos de caráter descritivo, tais como *Em demanda do Catai* (1603-1607) de Bento de Góis e o *Tratado das cousas da China* (1569-1570), de Frei Gaspar da Cruz. Na obra histórica de Gaspar da Cruz, é relatado o primeiro contato entre Portugal e China. Resultante da sua estadia em Cantão, o Frei nos revela suas impressões sobre a situação do País do Meio e os vários aspectos culturais da exótica sociedade que conheceu.

Em meados do Setecentos – momento de notável esforço de racionalização administrativa do império luso – tornam-se mais densas as representações dos domínios portugueses no mundo, em que os métodos produtivos e extrativos, bem como cultura e a ciência, adquirem grande relevância.

Com a estabilização das relações sino-portuguesas, através da consolidação de Macau, visivelmente o papel dessas pesquisas em História Natural e em artes retrocede, buscando-se um modo de convivência com a população local. Isso gerou uma abundante documentação burocrática, mas escassa em termos de entendimento cultural da civilização chinesa. Seriam poucos os intelectuais que buscariam estudá-la em caracteres mais amplos: no período de passagem século XIX-XX, deparamo-nos com Camilo Pessanha em Macau dedicando-se à tradução da arte e da poesia chinesa; Marques Pereira publica a revista "Ta-ssi-yang-kuo", tratando sobre história e cultura chinesa e Moraes Palha escreve um *Esboço crítico da civilização chinesa*.

Pessanha redige *Kuok Man KanToShu – Leituras Chinesas*, livro escolar para a aprendizagem do Mandarim publicado pela editora da Tipografia Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos, em colaboração com José Vicente Jorge em 1915 em Macau. O poeta, que também formara uma coleção de arte chinesa, oferece, no ano seguinte, seu *Catálogo da Coleção de Arte Chinesa* ao Museu Nacional (publicado pela Imprensa Nacional), com dedicatória destinada igualmente a Jorge, quemuito o influenciara na apreciação estética de obras orientais.



Figura 1: *Kuok Man KanToShu – Leituras Chinesas* (livro escolar para a aprendizagem do Mandarim), de Camillo Pessanha e José Vicente Jorge

Segundo Pedro Barreiros, Jorge estivera em contato com “grandes conhecedores do pensamento, da cultura e da arte chinesas que, considerados por ele os seus verdadeiros mestres, [...] lhe transmitem o saber necessário para a realização dos seus futuros trabalhos (JORGE, 1995, p. 29). Quem seriam os instrutores ali descritos como vetores do “saber necessário para seus futuros trabalhos”? O autor cita o vice-rei de Chile, Tuan-Fang, o ministro Yüan-Shi-K'ai (que mais tarde, viria a ocupar o cargo de presidente da república

chinesa), os ministros dos negócios estrangeiros Liang-Tun-Ien, Na-T'sung, Lien-Fang e Kwo-Chia-Chi, e o governador civil de Cantão Chan-Chec-Ü.

Por meio das obras deixadas por esses intelectuais, participantes ativos da vida cultural e sócio-política de Macau, desejamos recuperar momentos históricos ligados ao colecionismo sinófilo. Nosso interesse de pesquisa vai de par com as aspirações de J. V. Jorge. Ao elaborar suas *Notas sobre a arte chinesa*, o autor acredita na “necessidade de se despertar o interesse adormecido dos lusitanos perante a arte da civilização chinesa” (JORGE, 1995, p. 29). O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro é, nesse sentido, manancial de recursos relacionados à promoção de manifestações culturais de assuntos coloniais de Macau. Partindo de seu acervo, debruçamo-nos sobre alguns temas por vezes esquecidos no século XIX, trazendo-os à tona.



Figura 2: Capa da versão original do livro *Notas sobre a arte chinesa* (1940), de José Vicente Jorge. Fonte da imagem: JORGE, José Vicente; introdução de Pedro Barreiros. *Notas sobre a arte chinesa*. Instituto Cultural de Macau 1995, p.20.

Sendo necessário circunscrever um cenário de fundo das representações de Portugal e China, nas décadas de 30 e 40, apesar da dispersão e escassez das fontes sobre este contexto artístico, o fato é que o acervo do Real Gabinete abriga um valioso conjunto de documentos – iconográficos e escritos – que permitem criar intertextos capazes de sustentar os discursos teóricos e visuais materializados no campo do colecionismo de arte e nas exposições realizadas em Portugal (Lisboa e no Porto) durante o período que nos propomos a estudar.

Num momento em que se intensificam os estudos e os debates acerca das relações históricas mantidas entre Macau, China e Portugal, assim como a necessidade de se pensar acerca das suas dinâmicas de pertencimento e modalidades de reflexão do passado e do presente, pareceu-nos oportuno discutir tais processos relacionais sob a ótica de um colecionador considerando os discursos e as práticas particulares de sua época.

Estaria a cultura chinesa resguardada e divulgada aos portugueses através da obra de Jorge? De fato, o estudo de sua coleção é uma situação privilegiada para se pensar as relações entre objetos de arte e as sociedades chinesa e portuguesa, sob confronto destas diversas culturas, escolhas particulares e formação de patrimônio. Visamos melhor compreender perfis e tipologias dos conjuntos de obras de arte agrupadas por Jorge, disponibilizadas para o público em sua casa-museu e catalogada em livro pioneiro em nosso idioma sobre o tema. Nesse contexto, a apropriação da história da China pelo colecionador macaense consistiria, possivelmente, em um hábil gesto de integração política (um entre outros, como testemunha a inserção das obras de Fausto Sampaio no contexto do Estado Novo).

### **3 O INÍCIO DO COLECIONISMO DE ARTE EM MACAU**

Na “introdução” de sua obra, Jorge cifra em meio século seu tempo de colecionador. Visamos acompanhar de perto seus cinquenta anos de estudo e de catalogação, relacionando-o ao contexto histórico em que viveu o autor. A compilação de obras de arte vem a ser resultado de decisões colocadas na procura e no empenho pela aquisição, encerrando-se sempre em uma narrativa. Por isso, recuperando-a, reportamo-nos à identidade de Jorge, que construiu o espólio, e ao próprio contexto de aquisição de tais objetos. Pedro Barreiros informa que Jorge observara “de perto o movimento reformador republicano que se forma em Pequim, mantendo sempre uma salutar relação com os responsáveis políticos” (JORGE, 1995, p. 11).

É necessário conhecer esses passos que possibilitaram o colecionismo, fomentando a disseminação da cultura material chinesa entre os colonos. Segundo Padre Manuel Teixeira (Freixo de Espada à Cinta, 1912 — 2003 Chaves), sacerdote católico e famoso historiador português de Macau, as tradições mais recentes das experiências colecionistas na colônia lusa na China floresceram antes da Primeira Guerra Mundial. Seus relatos informam que, por toda parte, naquela cidade, havia especialistas avaliando obras chinesas. Também, de acordo com Gonzaga Gomes, tais comerciantes passavam a “desencantar peças de grande antiguidade em longínquas aldeias”, revendendo valiosos tesouros artísticos de porta em porta (GOMES, 1943, p.489).

Nesta seção, estudaremos a atmosfera que proporcionou o florescimento de tais *marchands*, bem como suas estratégias, situando os objetos diante dos mercados e dos

trânsitos promovidos por circuitos de trocas e de viagens. Sem dúvida, essa natureza transeunte dos artefatos promoveu um importante cruzamento de fronteiras, convivências com a alteridade e relevante promoção de transculturações por meio da prática colecionista orientalista.

Em 1912, Pu Yi 溥儀 (Pequim 1906 –1967 Pequim), o último imperador Qing, abdica o trono, a dinastia Manchú 滿族 entra em colapso e Sun YatSen proclama a República em Nanquim. No mesmo ano, José Vicente Jorge se torna diplomata em Macau. Segundo Pedro Barreiros, “entre novembro de 1910 e março de 1911, altura de seu regresso a Macau (vindo de Pequim) a representação diplomática da já Republica Portuguesa na não ainda República Chinesa, foi entregue a um macaense de nascimento e formação” (JORGE, 1995, p. 11). De acordo com Monsenhor Teixeira, em *Memória da Minha Vida e do Meu Tempo* (Guimarães e C.<sup>a</sup> editores, Lisboa: abril de 1973, pp. 222-223 ), “[Jorge] era o primeiro intérprete oficial da língua portuguesa, ou das línguas, pois que na China vastíssima a língua mãe se desdobrava em várias modalidades” (citado por Pedro Barreiros, in JORGE, 1995, p.16).

O nascente governo republicano baseava-se em fortes modelos ocidentais. A revolução que lhe dera início, embora vaga em seus objetivos e frustrada por seus efeitos negativos, terminou por ser um evento que deu início a muitas transformações. Não obstante, o século XX mostrou-se tão caótico para a população chinesa quanto o precedente, mesmo que sob diferentes ângulos. O primeiro período republicano caracterizou-se por problemas sociopolíticos e por “poderosas forças centrífugas, uma vez que vários chefes militares governavam amplas áreas da China e pouco havia em termos de um governo central forte e eficaz” (POCESKI, 2013, p. 305). A passagem a seguir, extraída do artigo *Arte chinesa: O dom magnífico de Camilo Pessanha*, c. 1916, escrito por Alberto Osório de Castro (1868-1946), nos dá uma imagem do turbulento contexto histórico de Macau durante o período de proclamação da república chinesa:

E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último imperador Ta-Tsing e à

proclamação duma república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial...<sup>1</sup>

Enquanto a China sofria turbulências político-sociais, muitos habitantes evadiam o país através da cidade portuária de Macau, desfazendo-se ali de suas relíquias. Importantes dignitários imperiais, fugindo das convulsões internas, convertiam em moeda muitas de suas preciosidades a preços irrisórios (algumas delas, heranças acumuladas durante séculos). Não obstante, havia emigrantes que transportavam consigo seus tesouros particulares, para comercializarem-nos em locais de refúgio: Hong Kong e Macau constituíram-se dois desses locais, abarrotando o mercado local de antiguidades. Assim, muitos *marchands* enriqueceram-se às custas do êxodo – e também de pilhagens.

Segundo Ana Maria Amaro, presidente do Instituto Português de Sinologia criado em 2007, os “tim-tins”, vendedores de velharias, quer ambulantes, quer estabelecidos, eram um dos fascínios da cidade para quase todos os europeus recém-chegados ali. Muitos foram os Museus do Ocidente e os colecionadores particulares que, por esse intermédio, adquiriram obras de valor durante as primeiras décadas do século XX, informa a sinóloga (AMARO, 1998). Na década de 30, era ainda possível adquirirem-se obras de arte chinesa a preços acessíveis naquela cidade, sendo de certo modo abundante e variada a oferta. As descrições dos interiores residenciais testemunham a moda que se iniciou e que está no cerne da constituição das coleções. José Vicente Jorge foi um dos macaenses abastados que se interessaram pelo colecionismo, adquirindo grande reputação no seio da comunidade macaense nos anos 30 e 40.

Também Camilo Pessanha pôde se beneficiar desse estabelecido comércio de antiguidades. Como escreve Alberto Osório de Castro, em “Camilo Pessanha<sup>2</sup> em Macau”, 1942:

Peça a peça, Camilo faz-nos a história dos seus exemplares, comprados ao sabor da sorte, como disse, por todos os adelos, todas as baiucas, todos os bazares de tim-tim, sórdidos e maravilhosos, de Macau, de Honk Kong e de Cantão<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O manuscrito encontra-se disponível no sítio da Biblioteca Nacional de Portugal – BNP: <http://purl.pt/14369/1/man-familia-osorio-prosa.html>. Uma versão em PDF do mesmo texto, acompanhando artigo de Paulo Franchetti encontra-se no sítio: <http://coloquio.gulbenkian.pt/docs/Arte%20chinesa%20de%20Pessanha.pdf>.

<sup>2</sup> Cartas a Alberto Osóris de Castro, João Baptista de Castro, Ana de Castro Osório, por Camilo Pessanha; Maria José de Lancastre; Alberto Osório de Castro. Editora: Lishoa: Imprensa nacional. Casa da moeda, 1984.

<sup>3</sup> Fonte: <https://sites.google.com/site/pesscam/colecionismo>.

As imagens abaixo, provenientes do endereço eletrônico <https://sites.google.com/site/pesscam/coleccionismo>, apresentam-nos o espólio de pinturas e caligrafias de Pessanha, que compoem o “Catálogo da Coleção de Arte Chinesa”, oferecida ao Museu de Arte Nacional, editado em Macau, pela Imprensa Nacional, em 1995. O espólio de Camilo Pessanha vem a ter uma grande importância no estudo da coleção de José Vicente Jorge, uma vez que as obras deste são hoje inacessíveis.



#### **4 RELATOS ESCRITOS E VISUAIS DA CASA-MUSEU DE JOSÉ VICENTE JORGE**

Jorge possuía uma casa renomada por duas instâncias: esta era, ao mesmo tempo, a melhor de Macau e acessível ao público<sup>4</sup> (Cf. figura 3). Estimada como um verdadeiro museu, devido à quantidade e à qualidade dos objetos reunidos, ali abrigava-se a importante coleção de pinturas, porcelanas, esculturas, bronzes, têxteis (alguns ricamente bordados), jades, frasquinhos de rapé em vidro pintado e em pedras semipreciosas, uma extraordinária variedade de “bibelots” e raridades, a par de mobílias em pau-preto e em pau-rosa, seja de linhas simples e harmoniosas, seja no estilo rebuscado dito “de Cantão”.

---

<sup>4</sup> Segundo Pedro Barreiros, “Com o estudo em bibliotecas, com o seu convívio profissional com entendidos e profissionais da Arte Chinesa, as conversas com altas individualidades da cultura e da política chinesas, os palácios e museus que visitou e as viagens que fez, [José Vicente Jorge] conseguiu, ao longo desses cinquenta anos, tornar-se uma autoridade na matéria e reunir uma considerável coleção reputada como a melhor de quantas havia em Macau e visitada como Museu de Macau por todas as personalidades que ao Território vieram nos anos 30 e 40.” (JORGE, 1995, p.18).



Figura 3: Casa de José Vicente Jorge cerca de 1940. Fonte da imagem: JORGE, José Vicente; introdução de Pedro Barreiros. *Notas sobre a arte chinesa*. Instituto Cultural de Macau 1995, p. 27

Nas páginas 485 e seguintes do volume I da revista *Renascimento* (Macau – 1943), Pedro Barreiros reescreve como o sinólogo macaense Luís Gonzaga Gomes define a coleção de Jorge, sob o título “Curiosidades Chinesas – O Museu do Senhor José Vicente Jorge”:

Nos tempos mais recentes podemos, porém, citar o nome de várias pessoas que se dedicaram a formar com paixão coleções de objetos de Arte Antiga, principalmente da arte chinesa, como Camillo Pessanha, Silva Mendes e o Sr. José Jorge.  
[...] A do Sr. Jorge é sem dúvida das três a mais numerosa. O seu palacete é hoje um verdadeiro e valiosíssimo museu, pleatório de incalculáveis preciosidades, que nenhum estrangeiro ilustre de passagem por esta colônia deixa de visitar.  
[...] Logo no vestíbulo, pode o visitante admirar dois manipanços em madeira dourada e esculpidos com notável perfeição, estando os mesmos assentes em dois artísticos escaparates prodigiosamente arrendilhados, na sua pompa de passarinhos, de folhas e de exóticos e enigmáticos símbolos.  
[...] Na sala de espera, não caberá o visitante deter-se diante de qual objecto para o apreciar, tal a profusão de preciosas coisas ordenada e gracilmente distribuídas.  
[...] Por entre as portas desta sala entrevistamos o gabinete de trabalho e, logo na parede, que fica na nossa frente, se encontra dependurado o retrato do dono de tantas preciosidades, feito à pena pelo pintor Fausto Sampaio, quando há anos se demorou em Macau.<sup>5</sup> (JORGE, 1995, pp.18 e 19).

Testemunha esse relato vivo – olhar de um suposto visitante – a maneira como o colecionismo expressa uma afirmação de poder e uma perpetuação de memórias. Sinônimo de distinção social e econômica, as obras tendem a transportar consigo a dignidade da procedência. Se, por vezes, perdem-se as referências, coube ao historiador reconstituir percursos e resgatar do esquecimento os fatos, devolvendo-lhes o contexto original. Outrossim, não podemos negligenciar o testemunho visual que nos oferecem as telas do pintor português Fausto Sampaio (Anadia, 1893 — 1956), de quem José Vicente Jorge era vizinho e amigo:

<sup>5</sup> Informamos que, em caso de citação direta, optamos por não alterar a grafia portuguesa original, empregada no século XIX e início do século XX.



Figura 4: *Vestíbulo da casa de José Vicente Jorge, com a sua coleção de arte chinesa.* Óleo sobre tela.  
Imagem disponível em: <https://nenotavaiconata.wordpress.com/tag/fausto-sampaio/>.

A figura 4 apresenta o vestíbulo da casa de José Vicente Jorge, com sua coleção de arte chinesa, tal como representada pelo artista Fausto Sampaio. Da proximidade entre os dois homens de sensibilidade artística, floresceu uma admiração mútua. O sentimento de apreço se prova nos relatos de Danilo Barreiros e de Ana Maria Amaro a seguir.

Danilo Barreiros, advogado, escritor e companheiro de Fausto Sampaio em Macau oferece-nos um importante relato de época, descrevendo a exposição do pintor realizada em 1937 em Macau, onde as telas exibiam os interiores da morada do colecionador, bem como(SEU) o retrato do mesmo:

Em 1937, realizou-se em Macau uma exposição de quadros do artista, sendo 42 a óleo e 6 retratos a carvão, que mereceu grande afluência de chineses e portugueses. Neles figuravam os mais característicos aspectos da cidade e do seu quotidiano, o retrato do Governador, do Bispo, de “meu amigo José Jorge” e de outras pessoas.

José Vicente Jorge possuía uma importante coleção de arte chinesa. Foi em sua casa que Fausto Sampaio pintou quadros maravilhosos, reproduzindo mobiliários, faianças, bordados, porcelanas, bronzes, trabalhos de talha dourada e aspectos das salas daquele museu.

Já a historiadora Ana Maria Amaro nos fala sobre o interesse surgido em Fausto Sampaio pelo colecionismo orientalista, influenciado pelo convívio com Jorge:

Não surpreendente, pois, que o pintor, se foi aos *tim-tins*, não se deixasse vencer pelo seu exotismo. A casa de José Vicente Jorge era muito mais rica do que todas essas lojas de Macau e, quem visse as suas coleções, certamente não poderia sentir-se fascinado com a pobreza relativa dos antiquários locais. O gosto pelas coleções estava, então, em moda, e muitos foram os macaenses que juntaram peças de arte chinesa. Porém nenhum o fez com tamanha paixão como José Vicente Jorge que, aliás, já em Pequim adquirira boas peças, quando ali exercera funções oficiais de intérprete (SAMPAIO; AMARO, 1992, pp. 96 e 97).

Jorge oferece a seu dedicado amigo artista “as melhores peças chinesas, posteriormente trazidas pelo pintor de retorno à sua terra natal como lembrança da sua estadia em Macau”:

Não é possível, hoje, precisar-se com rigor se foram todas, ou quais foram, realmente, essas peças, porquanto é muito possível que, à semelhança do seu discípulo Fernando Lara Reis, que lhe ofereceu um lindo caquemono assinado por um bom pintor, outros discípulos e outros amigos lhe tenham oferecido algumas dessas peças que trouxe como memórias.” (SAMPAIO; AMARO, 1992, p.97).

Observando as demais memórias que o pintor levou consigo de sua estadia, traduzidas em obras de arte chinesa que lhe foram doadas por Jorge, chamou a atenção de Amaro a predominância de “peças pertencentes a antigos letrados ou a pessoas abastadas: vestuários e adereços e também porta-pincéis e outros objectos, que só pessoas ricas e cultas poderiam ter possuído” (SAMPAIO; AMARO, 1992, p.100).

A historiadora portuguesa nos revela as possíveis razões que teriam feito com que Jorge realizasse tal ato de doação ao pintor. A relação se estabeleceria equiparando o artista – José Sampaio – a um verdadeiro erudito, uma vez que na China a arte da pintura possui um estatuto de nobreza, semelhante à escrita. Por exigirem aprendizado intelectual muito apurado, tanto a pintura, quanto a caligrafia e a poesia eram, na China clássica, apanágio da classe dos letrados (Wenren). A interrelação entre essas formas expressão é tão nítida que se pode utilizar o mesmo termo – 寫 (Xiě) “escrever”, para ambas as técnicas (pintura, caligrafia e escrita).

Colocando acento neste aspecto, Jorge abre seu capítulo sobre a “Pintura” com a seguinte sentença: “Dos diversos ramos de arte chinesa, a pintura é talvez o mais importante” (JORGE, 1995, p.111). Dentre as artes decorativas, é a pintura que se tornou uma das formas de expressão artística com maior relevo e reconhecimento na China, explica o sinólogo-colecionador. Jorge acrescenta ainda: “entre as características da pintura chinesa, a que mais se salienta é a qualidade gráfica, pois os pintores chineses são, acima de tudo, calígrafos” (JORGE, 1995, p.114). A tradicional pintura chinesa revela-se com uma componente poética que exalta o estado de alma do artista, justificando o ato de doação de Jorge de suas peças a Sampaio:

Não é de estranhar, pois, que José Vicente Jorge, conhecendo-o de tão perto e talvez partilhando algo da mentalidade oriental que caracteriza os macaenses, lhe tenha oferecido essas peças, em atenção à sua condição de artista e comparando o pintor aos letrados chineses, dos quais a pintura era um dos indispensáveis atributos. Votos de promoção e de êxito deve ter querido José Vicente Jorge traduzir com esses objectos, que acompanhou com um lindo álbum reproduzindo interiores da sua casa de Macau, álbum este encadernado com insígnias mandarinais bordadas sobre seda (JORGE, 1995, p.111).

A paixão pelo objeto colecionado, parte integrante do perfil do colecionador, pressupõe e de forma muito estreita, a ligação com o artista Fausto Sampaio. A influência exercida por Jorge sobre Sampaio faz do colecionador parte integrante da vida do pintor e, conseqüentemente, da própria história da arte e do momento da história portuguesa em que Sampaio exerceu seu trabalho, o Estado Novo.

Mesmo que não tenham tido nenhuma repercussão direta na formação de uma cultura artística em seu país de origem, as obras de Sampaio constituem um conjunto excepcional, não apenas do ponto de vista de uma iconografia de Macau, como também da China colonial sob domínio português.

Diante dos desafios de uma história da arte global e pós-colonial, que muitas vezes se debruça mais em confrontos teóricos, frequentemente nos esquecemos das próprias obras que circularam por diferentes culturas, levaram artistas e linguagens a diversas geografias, foram recepcionadas de maneiras particulares e, nos seus percursos, tornaram-se por vezes mais globais do que muitos discursos pro uma história da arte global.

Observando os modos como este relacionamento se inscreve numa *colonialidade visual* amplamente difundida a partir do início da década de trinta, objetivamos explicar as ligações entre o discurso artístico e as dinâmicas históricas e culturais que marcaram as relações entre Portugal e Macau. Consideramos, ainda, que a história da arte macaense deve ser também uma história social da China, ou dito de forma mais exata, uma história social da arte (e da cultura) luso-chinesa.

Considerando que a grande maioria dos museus nacionais, no plano internacional, se estabeleceram a partir do século XIX, debruçarmo-nos sobre esse período em diante, garante estudos que lancem luz sobre a permeabilidade das coleções de arte públicas e privadas, suas constituições, circulações e transformações.

## REFERÊNCIAS

ACCIAIUOLI, Margarida. *Exposições do Estado Novo*. Livros Horizonte, Lisboa, 1998

AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS. *Fausto Sampaio, pintor do ultramar português*. Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1942

ALEMBERT, Francisco. “Para uma história (social) da arte brasileira”. In: Fabiana Werneck Barcinski (org.). *Sobre a arte brasileira da pré-história aos anos 1960*. São Paulo, Sesc São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

ALMEIDA, A. Chaves. “Um pintor de além-mar - Fausto Sampaio”. In: *O mundo português: revista de cultura e propaganda arte e literatura colônias*. Lisboa : A.G.C.S.P.N., 1934-1947.- v. 7 n. 73 (Jan.) p. 43-45

AMARO, Ana Maria. *Aquarelas de Macau : 1960-1970 : cenas de rua e histórias de vida*. Macau : Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

AMEAL, João. “Mostruário do Império (A propósito da Exposição Colonial do Porto)”, in *O Mundo Português*, Ano I, nº 3, 1934

ANSELMO, Manuel. “A ideia portuguesa de império”, in *O Mundo Português*, Ano II, Vol. II, 1935.

BARCINSKI, Fabiana Werneck (org.). *Sobre a arte brasileira da pré-história aos anos 1960*. São Paulo, Sesc São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2015.

BONFIM, Julianna; CRUZ, Eduardo da. *A polêmica em torno da emigração chinesa via Macau no Diário do Rio de Janeiro (1850-1878)*. In: “No giro do mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura” / Eduardo da Cruz (organizador). – Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2015.

BRAGA, Duarte Drumond. *Campos, Sá-Carneiro e Almada: Orientalismo no primeiro número de Orpheu*. In: revista eletrônica “Desassossego” nº 15 | Junho de 2016. Disponível

em <http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/111894/116568>. Acesso em 23 de março de 2017.

BRONGNIART, Alexandre; SALVÉTAT, Alphonse. *Traité des arts céramiques ou des poteries considérées dans leur histoire, leur pratique et leur théorie*. Paris, 1877. Disponível no sítio eletrônico Gallica, de publicações de obras raras digitalizadas pela Biblioteca Nacional Francesa: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k67829t>>. Acesso em 4 de novembro de 2017.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, Belo Horizonte: Itatiaia [u.a.] 1997.

CRUZ, Eduardo da. *A Hemeroteca Oitocentista do Real Gabinete Português de Leitura*. in: \_\_\_\_ (org.). “No giro do mundo: os periódicos do Real Gabinete Português de Leitura no século XIX”. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2014.

GOMES, Gonzaga. “Curiosidades Chinesas: O Museu do Senhor Vicente Jorge”, in *Renascimento* no. 2, 1943.

GOMES, Maria Alexandra da Costa (Coord. de). *Do neolítico ao último imperador: a perspectiva de um colecionador de Macau*. Macau; Lisboa : Governo de macau; ippaa, 1994.

JORGE, José Vicente. *Notas sobre a arte chinesa; Introdução de Pedro barreiros*. - 2. Ed. rev. e aum. il. Macau : Instituto Cultural de Macau, 1995.

JORGE, Graca Pacheco e BARREIROS, Pedro. *José Vicente Jorge :Macaense ilustre : fotobiografia = Jose Vicente Jorge : distinguishedMacanese : photobiography= 若瑟·文森·喬治 : 卓越的土生葡人圖片傳記*. Macau : Albergue SCM, 2011.

LABORINHO, Ana Paula. “O Oriente do Ocidente: Orientações da Literatura Portuguesa”. *Macau*, 1.ª Série, n.º 38, Agosto. Macau: Gabinete de Comunicação Social, 1991, 52-57.  
\_\_\_\_\_ e PINTO, Marta Pacheco. *Macau na Escrita, Escritas de Macau*. Ribeirão: Húmus, 2010.

MOUTINHO, Célia. *Arte chinesa e a cultura de Macau no espólio museológico da CGD – Caixa Geral de Depósitos*. Gabinete de Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos. Novembro de 2012. Disponível em: <<https://www.cgd.pt/Institucional/Patrimonio-Historico->

CGD/Estudos/Documents/Arte-chinesa-e-Cultura-de-Macau.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2017.

MOUTINHO, Mário. “A etnologia colonial portuguesa e o Estado Novo” in *O fascismo em Portugal*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

OKAKURA, Kazuko. *Ideals of the East: The Spirit of Japanese Art*. Mineola: Doverpublications, Inc, [1904] 2005.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PE. TEIXEIRA, Manuel. *O Clarim*. 17 de Abril de 1977.

PEDROSA, Mário; ARANTES, Otília. *Modernidade Cá e lá: textos escolhidos IV*. São Paulo : EDUSP, 2000.

PEREIRA, Teresa Isabel Matos. *Uma travessia da colonialidade: intervisualidades da pintura, Portugal e Angola*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes (especialidade de pintura), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011.

POCESKI, Mario. *Introdução às religiões chinesas [IntroducingChinesereligions]*. Tradução de Márcia Epstein. São Paulo: Editora Unesp, 2013

PORTELA, Arthur. *Fausto Sampaio, o Pintor do Oriente expõe nas Belas Artes*. Diário de Lisboa, 4 de dezembro de 1939.

SALAZAR, Antonio de Oliveira. *Discursos e Notas políticas (Vol. I)*. Coimbra: Coimbra editora, 1961,

SAMPAIO, Maria Jose e AMARO, Ana Maria. Coord. de. *Macau que Fausto Sampaio sentiu: o pintor Fausto Sampaio e a sua obra*. Lisboa : Missão de Macau em Lisboa, 1992.

SILVEIRA, Maria de Aires. *Fausto Sampaio, Viagens no Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 2009.